

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NO PROCESSO DE ACEITAÇÃO DO CABELO CRESPO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE

THE INFLUENCE OF THE MEDIA ON THE ACCEPTANCE PROCESS OF CHILDREN'S CURLY HAIR: THE IMPORTANCE OF REPRESENTATIVENESS

LA INFLUENCIA DE LOS MEDIOS EN EL PROCESO DE ACEPTACIÓN DE EL PELO RIZADO INFANTIL: LA IMPORTANCIA DE LA REPRESENTATIVIDAD

Lorena Barreto Almeida¹

Resumo: Este texto, pensado como relato de experiência, analisa a influência das mídias no processo de aceitação do cabelo crespo infantil, destacando a importância da representatividade para a construção da identidade e autoestima das crianças pretas. Ele discute como as mídias podem reforçar estereótipos e padrões de beleza inalcançáveis, além de abordar a falta de diversidade na programação televisiva. A pesquisa também explora o fenômeno da "ditadura dos cachos", que pressiona indivíduos com cabelos naturalmente cacheados a seguir os padrões convencionais de beleza. Por fim, são apresentadas fotografias de crianças pretas vestidas como personagens historicamente brancos, com o objetivo de desafiar estereótipos e promover a representatividade.

Palavras-chave: mídia; representatividade; criança preta; cabelo crespo infantil.

Abstract: This text, thought of as an experience report, analyzes the influence of the media on the process of acceptance of children's curly hair, highlighting the importance of representation for building the identity and self-esteem of black children. He discusses how media can reinforce stereotypes and unattainable beauty standards, as well as addressing the lack of diversity in television programming. The research also explores the phenomenon of the "dictatorship of curls", which pressures individuals with naturally curly hair to follow conventional beauty standards. Finally, photographs of black children dressed as historically white characters are presented, with the aim of challenging stereotypes and promoting representation.

Keywords: media; representativeness; black child; children's curly hair.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes. E-mail: lorenabarreto@id.uff.br

Resumen: Este texto, pensado como un relato de experiencia, analiza la influencia de los medios de comunicación en el proceso de aceptación del cabello rizado de los niños, destacando la importancia de la representación para la construcción de la identidad y la autoestima de los niños negros. Analiza cómo los medios pueden reforzar estereotipos y estándares de belleza inalcanzables, además de abordar la falta de diversidad en la programación televisiva. La investigación también explora el fenómeno de la "dictadura de los rizos", que presiona a las personas con cabello naturalmente rizado a seguir los estándares de belleza convencionales. Finalmente, se presentan fotografías de niños negros vestidos como personajes históricamente blancos, con el objetivo de desafiar los estereotipos y promover la representación.

Palabras clave: medios de comunicación; representatividad; niños negros; pelo rizado de los niños negros.

A MÍDIA E A LUTA ANTIRRACISTA

Este texto é uma reflexão sobre a influência das mídias no processo de aceitação do cabelo crespo infantil, destacando a importância da representatividade para a construção da identidade e autoestima das crianças pretas. Parto de um relato pessoal, pois quero falar sobre algo que conheço e vivo, mas exploro também uma bibliográfica sobre o tema, abordando conceitos como protagonismo preto e análises de produtos midiáticos, para abordar como o cabelo crespo/cacheado pode ser uma questão para as crianças pretas e a importância dos personagens pretos nos desenhos e filmes infantis.

Na infância temos muito contato com esse racismo que tenta nos embranquecer a todo momento e muitas vezes somos excluídos não só da sociedade, mas também das mídias, que, muitas vezes, não nos dão a devida representatividade, não nos mostram como bons, e até na própria sala de aula, pelas outras crianças e professores. É triste pensar que tudo isso que passamos na infância pode refletir tanto na vida adulta e tem uma ligação direta com a autoestima deste indivíduo. O fato de uma criança ser excluída por uma característica genética nos deixa ainda mais em alerta, percebemos o quanto o mundo precisa evoluir, precisamos de mais representatividades e de ensinar as crianças o seu espaço na sociedade para que essas desigualdades não sejam mais reproduzidas. Infelizmente no Brasil ainda convivemos com o racismo explícito. Bento (2003) vai além e diz que “não temos só um problema de perda de identidade negra, mas um problema de nacionalidade: quem quer ser brasileiro? Como o negro brasileiro se representa e é representado? Como o branco brasileiro se representa e é representado?” (BENTO, 2003, p.30).

Acredito que utilizar a subjetividade em pesquisas acadêmicas é fundamental, visto que ela nada mais é que a experiência pessoal do sujeito pesquisador que influencia na forma como ele conduz, entende, interpreta a pesquisa e os resultados obtidos. Essa dimensão subjetiva é importante porque permite aos pesquisadores compreender os fenômenos de forma mais rica e complexa, dando voz às diferentes formas de conhecimento e às experiências individuais. No entanto, é importante lembrar que a subjetividade não deve ser vista como algo isolado ou separado do trabalho acadêmico, mas como uma dimensão integrada e relacionada ao processo de pesquisa, já que os temas que me são caros, me atravessam de uma maneira muito particular. Todavia, entendo que ela deve estar sempre presente, mas não deve ser o único critério de validação da pesquisa. Como salientam Daltro e Faria (2019), em seu artigo sobre o gênero relato de experiência:

A propósito da posição a ser ocupada pelo pesquisador, tomamos como referência o texto do poeta português Fernando Pessoa (2011), quando declara a respeito da experiência: “aquilo que em mim sente está pensando”. Ao ser sensibilizado por elementos perceptivos, o sujeito/pesquisador aciona compreensões que representam e desenvolvem novas significações inscritas na realidade de seu corpo, deslocando-o para uma posição de autor e simultaneamente sujeito da experiência. (Daltro; Faria, 2019, p. 227)

Exposta a minha perspectiva, é importante dizer também que entendo que somos seres individuais e que, por mais que tenhamos realidades e vivências similares, cada um de nós lida e enfrenta as coisas da sua maneira. Além disso, o meio em que estamos inseridos também é um fator importante para a determinação dessas demandas. Por fim, devo dizer que, assumindo que as mídias reforçam muitos estereótipos e que quanto mais vemos certas coisas mais acreditamos na veracidade do que nos é colocado, considero a importância de se reconhecer nos espaços e de incentivar que a mídias valorizem as discussões como essa que faço nesse trabalho (afinal, mesmo em passos lentos, hoje há mais produções de mídias direcionadas ao público preto do que há alguns anos). Isso tem potencial de gerar um senso crítico nos indivíduos e fazer com que as pessoas questionem mais os padrões vigentes e hegemônicos.

Um aspecto central abordado neste texto é a importância do acesso das crianças negras a conteúdos midiáticos que fortaleçam sua relação com o cabelo, permitindo que elas se vejam representadas e se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias. Neste sentido, é apresentado um e-book que produzi com o objetivo de proporcionar representatividade, empoderamento a crianças através de personagens, livros, músicas e narrativas que valorizem o cabelo crespo/cacheado e o protagonismo preto.

Além disso, aqui é discutida a forma como as mídias podem reforçar estereótipos e padrões de beleza inalcançáveis para as crianças pretas. Por isso, falo sobre a importância dos diálogos e palavras de afirmações para nossa construção identitária frente a conteúdos que não nos representam. Como vi na obra de Bento (2003, p. 1), “no Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais”. Muitas vezes, há dificuldade na aceitação dos nossos traços, e é algo inevitável, já que ninguém quer ter nada que é considerado feio perante a sociedade, como, por exemplo, ter uma boca grande, nariz largo, cabelo crespo/cacheado, e só ser elogiada quando se tem traços finos, o que podemos identificar mais uma vez como algo vindo da cultura do branqueamento em massa.

MÍDIA E LUTA ANTIRRACISTA

Em Claros e Escuros, Muniz Sodré (2015) aborda a relação entre a mídia e o preconceito. A partir disso, ele destaca que a mídia exerce um papel fundamental na construção e perpetuação dos estereótipos que permeiam a sociedade. De acordo com o autor, a mídia muitas vezes apresenta uma visão simplista e estereotipada de determinados grupos sociais, como pretos, LGBTQs, mulheres, entre outros. Esse tipo de representação contribui para a naturalização do preconceito e da discriminação, além de reforçar as desigualdades sociais.

Sodré (2015) ressalta que a mídia não é apenas um reflexo da sociedade, mas têm um papel ativo na reprodução e propagação do preconceito. Ele destaca, por exemplo, a falta de diversidade na programação televisiva e a ausência de vozes e narrativas divergentes das que já estão sempre no topo ocupando esses espaços.

Com referência ao negro, a mídia, a indústria cultural, constroem identidades virtuais a partir, não só da negação e do recalçamento, mas também de um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições. Da identidade virtual nascem os estereótipos e as folclorizações em torno do indivíduo de pele escura. (Sodré, 2015, p. 246)

Ao olhar para as mídias, percebo que a representatividade da população preta realmente é bastante limitada. Quando as pessoas pretas não são estereotipadas ou usadas como símbolo de diversidade, são frequentemente tratadas como uma minoria invisível ou como vítimas de violência, discriminação, entre outros.

Para combater o preconceito na mídia, o autor defende a necessidade de se construir uma mídia mais plural, que dê espaço para diferentes vozes e representações. Além disso, ele destaca a importância da educação para a mídia, ou seja, a necessidade de se educar as pessoas para que desenvolvam um pensamento crítico diante das mensagens midiáticas. Dessa forma, é fundamental que se leve em conta a percepção de Sodré em relação à mídia e ao preconceito, para que possamos construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade cultural seja valorizada e a discriminação seja combatida.

Outros pesquisadores também concordam que a população preta é subrepresentada nas mídias, especialmente em papéis positivos e relevantes. Um estudo publicado em 2019 na revista “Journal of Black Studies” comprovou que a população preta compunha apenas 4,8% dos personagens nos 100 filmes de maior bilheteria de 2017, e muitos desses personagens foram representados de modo estereotipado.

Outro estudo, também publicado em 2018, no dossiê “130 anos da abolição - Cativoiro Acabou?”, analisou a representatividade dos pretos na publicidade e concluiu que eles eram frequentemente sub-representados, representados de modo estereotipado ou utilizados para transmitir uma mensagem sobre diversidade sem, no entanto, ter um papel relevante na história.

Existe um estigma que envolve a imagem do(a) negro(a) em grande parte dos meios de comunicação no Brasil. Além desses que totalizam mais de 112,7 milhões de pessoas negras (pardas e pretas), segundo o PNAD/IBGE (2016), terem uma baixa representatividade na mídia, sua imagem aparece sempre relacionada a estereótipos que reforçam o preconceito e o racismo. Examinar o tipo de representatividade do(a) negro(a) exposto pela grande mídia implica levantar alguns elementos essenciais que particularizam a situação de desigualdade social historicamente estabelecida na sociedade brasileira. (Santana; Silva; Angelim, 2018, p.53)

Os autores continuam:

Rodrigues (1988), ao analisar a produção do cinema brasileiro ao longo do século XX, mostra como essa imagem foi cada vez mais reforçada a partir das personagens construídas: o negro revoltado, o malandro, o favelado, o crioulo doido, a nega maluca, a mulata boa, etc. Mesmo quando se tenta atribuir características positivas, seja nos jornais de fins do século XIX ou nas produções cinematográficas do século XX, essas estavam associadas à internalização de hábitos e comportamentos do(a)s branco(a)s. Como ocorre também no final do século XIX, o negro(a) tem a sua história contada sob um ponto de vista que não é o seu”. (Santana; Silva; Angelim, 2018, p.59-60)

Portanto, é importante reconhecer que a mídia tem um papel fundamental na construção de imagens e percepções sobre a população preta. A ausência ou a falta de representatividade positiva pode perpetuar preconceitos e estigmas raciais. É necessário que haja mais esforços

para aumentar a representatividade das pessoas pretas nas mídias e que essas representações sejam mais precisas e relevantes.

CABELO CRESPO X CABELO CACHEADO (AS TEMIDAS CURVATURAS)

Ao passar pelo processo de transição capilar, que nada mais é que retirar a química do cabelo para assumir sua forma natural, algumas pessoas esperam por um cabelo cacheado e bem definido, o que hoje denominamos como “a ditadura dos cachos”, porém, nem todos possuem a mesma curvatura capilar, o que acaba assustando algumas pessoas que passaram por todo processo esperando um tipo de cabelo e se deparam com outro. Isso se dá pelo apagamento de cultura e identidade que enfrentamos por longos períodos.

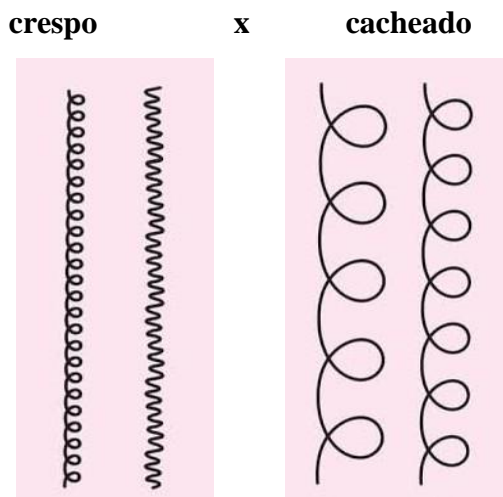
A ditadura dos cachos é um fenômeno social em que indivíduos com cabelos naturalmente cacheados são pressionados a seguir padrões de beleza convencional, muitas vezes demandando alisamento, escovação ou uso de produtos para controlar os cachos. Acontece principalmente devido à predominância da eurocentricidade da beleza, que estabeleceu que cabelos lisos são mais atraentes, desejáveis e socialmente mais aceitos. Mesmo hoje, com a popularização e o fortalecimento do movimento de aceitação dos cabelos naturais, ainda existe uma ditadura da perfeição que parece controlar a imagem de homens e mulheres com diferentes tipos de cabelo.

Essa ditadura prega que cabelos perfeitamente cacheados, impecáveis e bem definidos são a expressão máxima da beleza e que quaisquer outros cachos, por mais naturais que sejam, podem não atender a esse padrão. Por isso, ainda existe uma pressão constante sobre as pessoas que não se enxergam nos padrões de beleza convencionais, fazendo com que a aceitação de cabelos naturais seja um processo gradual e ainda cheio de obstáculos. Já que uma pessoa que possui cabelo crespo nunca conseguiria atender a essas expectativas, pois possuem um cabelo em que dificilmente se formam cachos.

Desta maneira, na maioria das vezes, as pessoas esperam por cachos super definidos e encontram um cabelo crespo, que, como já ressaltai anteriormente, dificilmente forma cachos. Por isso, há a importância de conhecer e entender qual tipo de cabelo carregamos e o peso que isso terá na nossa vida. Não é fácil, visto que nossa cultura/identidade vem sofrendo um grande processo de apagamento e as crianças, desde muito novas, já têm seus cabelos quimicamente tratados, destarte, não tem noção de como seu cabelo realmente é.

Nas figuras abaixo, mostro a diferença entre as curvaturas crespas e cacheadas. Podemos notar a semelhança na curvatura de ambos, porém, na vida real, a curvatura diz muito sobre como as pessoas vão tratar o “dono” ou a “dona” desse cabelo, sobre como essa pessoa é lida dentro da sociedade e se seu cabelo será aceito ou não.

Figura 1 – Cabelo crespo x cabelo cacheado



Fonte: print de tela do site Plancton, 2021. Disponível em: <https://plancton.blog.br/tipos-de-cabelo-descubra-o-seu-e-os-cuidados-essenciais/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

Partindo para o lado pessoal, quero falar um pouco sobre a curvatura do meu cabelo, que é um cabelo cacheado com textura crespa. Ele possui a curvatura 3c4a (um pé nos cachos e o outro no crespo), visto isso, muitas pessoas me elogiam quando eu opto por deixá-lo um pouco mais definido, o que não ocorre com tanta frequência quando o mesmo está mais armado, volumoso e sem definição.

Um cabelo crespo não tem o mesmo tratamento social que um cabelo cacheado, o tratamento é totalmente diferente quando falamos de um cabelo cacheado, com uma raiz mais aberta, um cacho mais “certinho”, entre outros, como é o caso da minha irmã, que possui a curvatura 3b3c, ou quando é um crespo tipo 4c, no caso da minha prima.

Quando trazemos a temática capilar à tona, acredito que é necessário trazer também a pauta racial. Nem todas as pessoas que possuem um cabelo crespo/cacheado são pretas, mas, nesse caso, retomando o que havia dito antes, e em comparação com minha prima e minha irmã, minha pele é a mais retinta, o que também tem um certo peso quando falamos sobre cabelo, e mesmo as duas tendo praticamente o mesmo tom de pele, uma é tratada como a que tem um

dos cabelos mais lindos da família, pois, além de ter um cabelo cacheado, o cabelo dela é grande, já a outra tem um cabelo “duro” e “feio” por ser crespo e curto, na opinião dos parentes e de outras pessoas.

Não trouxe essas reflexões com o intuito de diminuir uma e enaltecer a outra, pelo ao contrário, minhas palavras vêm como uma crítica a tais atitudes sociais, mas obviamente não os julgo por acharem um cabelo cacheado e grande bonito, afinal é isso que a sociedade ensina e impõe. Todavia, não cabe a nós enquanto sociedade diminuir um cabelo apenas por ser crespo e curto, nessa ótica, cabe ressaltar que é necessário que criemos espaços para que todos possam se encaixar, não apenas o cabelo liso, cacheado, grande etc., mas também o cabelo, crespo, curto, colorido e outros.

Ter referências sociais e midiáticas nos ajuda no processo de aceitação, por isso é de extrema importância que tenhamos representatividade nas mídias, que têm um papel muito importante na construção da autoestima e identidade dos indivíduos. No entanto, sabemos que os padrões de beleza ainda seguem sendo muito eurocêtricos, por esta razão, a figura branca é sempre a mais representada.

É necessário que haja espaço nas mídias para mostrar cabelos crespos, cacheados, pessoas pretas, entre outros tipos, como algo bom, bonito e merecedor de um lugar de destaque. “Ceder” espaço para outras representações não irá anular o que já é exaltado, pelo contrário. Como salienta a escritora Chimamanda Adichie (2017), ao aconselhar a amiga sobre como cuidar do cabelo da filha:

Então, quanto ao cabelo dela, sugiro que você redefina “bem ajeitado”. Se o cabelo está associado à dor para tantas meninas, em parte é porque os adultos resolveram seguir uma versão de “bem ajeitado” que significa Esticado Demais, Repuxando o Couro Cabeludo e Dando Dor de Cabeça. Precisamos parar com isso. Na Nigéria, vejo muitas meninas na escola serem extremamente humilhadas por não estarem com o cabelo “bem ajeitado”, só porque um pouco do cabelo que Deus lhes deu fica enrolado em lindos cachinhos crespos nas laterais da cabeça. Deixe o cabelo de Chizalum solto — em grandes tranças, embutidas ou não, e não use pentes finos que não foram feitos pensando em cabelos como os nossos. E tome isso como definição de bem ajeitado. Se precisar, vá à escola dela e converse com a direção. Basta uma pessoa para mudar as coisas. (Adichie, 2017, p. 21-22)

Sobre essas práticas, que parecem ser universais, Adichie (2017) diz, ainda:

Tente não associar cabelo e dor. Quando penso na minha infância, lembro quantas vezes chorei enquanto trançavam meu cabelo comprido e cheio. Lembro que deixavam na minha frente um pacotinho de chocolate como prêmio caso eu ficasse quieta até acabarem de me pentear. E para quê? Imagine se não tivéssemos passado tantos sábados de nossa infância e adolescência trançando o cabelo. O que teríamos aprendido? De que

maneira teríamos crescido? O que os meninos faziam aos sábados? (Adichie, 2017, p.21)

DESAFIANDO ESTEREÓTIPOS: FOTOGRAFIAS DE CRIANÇAS PRETAS VESTIDAS COMO PERSONAGENS HISTORICAMENTE BRANCOS

Para a produção deste texto, escolhi analisar e mostrar algumas fotografias de Ruan Walker, um fotógrafo que se destaca por seu trabalho artístico e conceitual envolvendo crianças pretas vestidas com roupas de personagens originalmente brancos. Seu objetivo é desafiar estereótipos e promover a representatividade na mídia, especialmente para crianças pretas.

Digo com tranquilidade que a importância dessa representatividade é imensa, pois ao ver crianças pretas se identificando e se fantasiando como personagens que são populares, porém originalmente brancos, faz com que essas crianças passem a se enxergar como protagonistas, capazes de assumir qualquer papel ou ocupar qualquer espaço. Abaixo, temos um clássico dos desenhos animados, vejamos:

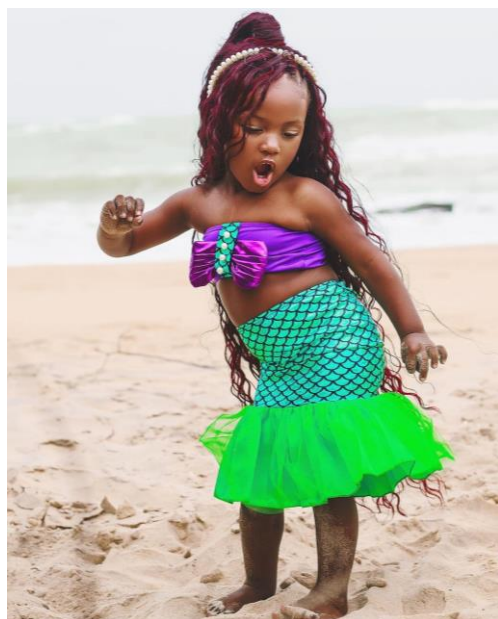
Imagem 1 - A turma do Scooby



Fonte: print de tela do Instagram: @rwfotografiaa, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrcH21RLnev/?igshid=MmU2YjMzNjRlOQ==> Acesso em: 17 jul. 2023.

A seguir, a releitura de Pequena Sereia, que foi retratada pela Disney como branca e ruiva, agora realizada pelo fotógrafo:

Imagem 2 - A pequena sereia preta



Fonte: print de tela do Instagram: @rwfotografiaa, 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cigfq_erTL8/?igshid=MTk0MGU0NTkxNA== Acesso em: 17 jul. 2023.

Abaixo, temos a visão de Walker para As três espiãs demais, um desenho animado:

Imagem 3 - As três pretinhas demais



Fonte: print de tela do Instagram: @rwfotografiaa, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuQXMMtLx4C/?igshid=MmU2YjMzNjRlOQ==> Acesso em: 17 jul. 2023.

O impacto que essa ação tem na vida dessas crianças é profundo, elas são envolvidas em um processo de fortalecimento de autoestima e identidade racial, superando a ideia de que apenas certos personagens ou narrativas são adequados para elas. Essas crianças aprendem que podem ser o que desejarem, rompendo barreiras e construindo uma visão mais positiva de si mesmas.

Ao fotografar crianças pretas fantasiadas com personagens brancos, Ruan Walker está desafiando o *status quo*, incentivando a inclusão e a diversidade. Ele está contribuindo para a desconstrução de preconceitos, estereótipos, mostrando que todos merecem ser representados e ter sua própria identidade validada.

Em suma, o objetivo de Ruan é empoderar essas crianças, ajudando-as a construir autoestima e uma identidade racial positiva. A importância desse trabalho reside na quebra de padrões e na abertura de possibilidades para essas crianças, que, ao se verem representadas, têm a chance de construir uma visão mais positiva de si mesmas e serem protagonistas em suas próprias vidas.

A visibilidade e a inclusão na mídia permitem que as crianças pretas possam se reconhecer e perceber seu valor, contribuindo para a promoção da autoestima e para o desenvolvimento de uma identidade mais saudável. Além disso, vale mencionar novamente o

Muniz Sodré, em sua obra "Claros Escuros" quando ele explora a relação entre a mídia e a população preta. Sodré pontua que a mídia, vem como construtora de representações, e impõe uma visão estereotipada e excludente sobre a população preta, subjugando-a de forma sistemática, reforçando padrões de branquitude como ideais de beleza e sucesso, por isso, é tão difícil crianças pretas não se impressionarem ao olhar para televisão e se verem num lugar de destaque, como protagonista de um filme muito conhecido pela perspectiva branca.

O PAPEL DOS PERSONAGENS PRETOS NOS DESENHOS E FILMES INFANTIS

Podemos perceber que a representatividade é extremamente importante na formação das crianças, especialmente aquelas que foram historicamente marginalizadas nas mídias e que raramente tiveram a oportunidade de se verem no centro das narrativas. Quando personagens originalmente brancos são interpretados por pessoas pretas, isso quebra estereótipos e expande as possibilidades de identificação para outras crianças pretas.

Para essas crianças, ter contato com essa representatividade é crucial porque pode ajudá-las a desenvolver uma autoestima positiva, orgulho e confiança em sua própria identidade. Elas podem se sentir empoderadas ao verem pessoas que se parecem com elas, assumindo papéis importantes e sendo valorizadas na mídia. Isso também serve como uma mensagem poderosa, mostrando que elas têm o direito de ocupar espaços de destaque e desempenhar qualquer papel que desejarem.

O papel dos personagens pretos nos desenhos e filmes infantis tem sido historicamente limitado. Tais personagens geralmente aparecem como coadjuvantes em vez de protagonistas, e muitas vezes são estereotipados em papéis que reforçam ideias raciais e negativas como: personagens preguiçosos, engraçados, submissos ou violentos, o que é prejudicial para crianças pretas que precisam de exemplos positivos para desenvolver sua autoestima e senso de identidade. Defender a necessidade da representatividade e a construção da identidade preta infantil é importante porque a falta de representação e inclusão pode ter um impacto negativo na autoestima e desenvolvimento psicológico dessas crianças.

Quando as crianças não veem personagens que se assemelham a elas em posições de liderança ou excelência, elas podem começar a se perguntar se são menos valiosas ou menos capazes. E isso pode prejudicar sua autoestima, levando a sentimentos de rejeição e isolamento social.

Nesta ótica, Bento diz que a população branca ainda tem a dificuldade de se enxergar como seres racializados, o que os torna “normal” perante toda sociedade, como se o correto fosse ser branco, é um modelo a ser seguido. “Na descrição desse processo o branco pouco aparece, exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não brancos e, portanto, encarados como não tão humanos.” (BENTO, 2003, p.1).

Outrossim, a pretensão e “criação” dos outros grupos racializados, os tornam uma cópia do próprio europeu, já que tudo que a gente se propõe a fazer é visto como ruim e não é aceito na sociedade, assim, como querer usar nosso cabelo natural sem que isso seja um tabu ou que seja um símbolo de que somos resistentes, mas não podemos ser apenas nós com os nossos cabelos, sem ter que provar nada para ninguém? É muita pressão sobre os pretos, que só querem viver sem ter que justificar seus traços, cabelos, classe social, entre outros atributos. “O olhar do europeu transformou os não europeus em um diferente e muitas vezes ameaçador Outro. Este Outro, construído pelo europeu, tem muito mais a ver com o europeu do que consigo próprio. (BENTO, 2003, p.7).

Ser branco em uma sociedade tão racista é um presente, independente de algumas exceções, eles sempre terão o privilégio de ser padrão social, ser o branco. “Evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura.” (BENTO, 2003, p.3). Nesta ótica, é importante trazer debates raciais para a vida desses personagens pretos, pois são questões que nos atravessam a todo momento. Nossa vida não é apenas um conto de fadas, então, precisamos discutir essas questões nas mídias também, visto que a falta de temas raciais também pode afetar o desenvolvimento dessas crianças.

Produzir algo que ressalta a importância da representatividade preta em desenhos e filmes infantis é importante, pois pode ajudar a educar os pais e os próprios educadores sobre os benefícios da inclusão. Também pode ajudar a conscientizar referente a importância de retratar personagens pretos de forma positiva e autêntica, ao invés de dar-lhes papéis estereotipados que podem perpetuar ideias raciais negativas.

Nesta ótica, decidi criar um e-book [Meu Cabelo é de TV?](#) que traz narrativas importantes para as crianças pretas e conteúdos, como filmes, livros e músicas que possuem protagonismo preto e que falam sobre a valorização dos cabelos crespos e cacheados. Fico contente com minha escolha em produzir algo assim, já que entendo a importância que isso

teria na minha infância e certamente facilitaria os processos de aceitação caso eu visse tantas pessoas pretas em posição de destaque ou com um cabelo igual ao meu na televisão.

Por fim, a representatividade é uma questão importante para garantir que todas as crianças possam se ver e se reconhecer nas histórias que consomem. A construção de identidade preta infantil tem de ser encorajada por meio de personagens positivos e autênticos representados em desenhos infantis. Desta maneira, é importante que as empresas de entretenimento compreendam a necessidade de mudar a forma como personagens pretos são retratados nas histórias e mídias.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Como Educar Crianças Feministas: Um Manifesto**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19n1/v19n1a13.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SANTANA, B. da P.; DA SILVA, E. M.; ANGELIM, Y. Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 52–66, 2019. DOI: 10.23925/ls.v22i40.46651. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/46651> . Acesso em: 14 dez. 2023.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**. Petrópolis: Editora Vozes: 2015.